



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

EFEITO DO NÚMERO DE FILHOS NA SATISFAÇÃO CONJUGAL E NA VINCULAÇÃO PRÉ-NATAL MATERNA E PATERNA.

Ana Paula Forte Camarheiro

Professora Adjunta, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
Rua do Açude, nº 150. Mainça
3020 489 COIMBRA. PORTUGAL

paula.camarheiro@gmail.com Telefone: 00351919030822

João Manuel Rosado de Miranda Justo

Professor Associado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Fecha de recepción: 7 de enero de 2012

Fecha de admisión: 15 de marzo de 2012

RESUMO

Introdução: A satisfação conjugal de homens e de mulheres declina durante a gravidez (Belesky, Lang & Rovine, 1985; Parke, 1996) estando em estreita relação com o número de filhos e constituindo um factor importante na vinculação pré-natal de cada progenitor ao feto (White, Wilson, Ellander, & Persson, 1999).

Método: O objectivo deste estudo é comparar a satisfação conjugal e a vinculação pré-natal das mulheres e dos homens durante a gravidez de acordo com o número de filhos. A amostra é constituída por 407 mulheres e homens, seus companheiros/maridos que responderam a um questionário sócio-demográfico, à EVPNMP (Condon, 1993; adaptação de Camarheiro & Justo, 2010) e à EASAVIC (Narciso & Ribeiro, 2009). Realizou-se um estudo transversal descritivo-correlacional com aplicação de estatística uni e multivariada controlo da idade e escolaridade.

Resultados: A satisfação conjugal é significativamente mais elevada nos homens e nas mulheres que ainda não têm filhos. A vinculação materna ao feto, total e dimensões, e a dimensão qualidade da vinculação paterna não são influenciadas pelo número de filhos. A vinculação pré-natal total e a dimensão intensidade da preocupação paternas são significativamente mais elevadas nos homens que não têm filhos.

Discussão/conclusões: A satisfação conjugal de homens e mulheres é superior na primeira gravidez. A vinculação pré-natal materna, total e dimensões, não é influenciada pela paridade. Nos homens que vivem a sua primeira experiência de paternidade, a vinculação pré-natal total ao feto e a intensidade da preocupação é superior. Contudo, a qualidade da vinculação não é afectada pelo número de filhos.

Palavras-chave: satisfação conjugal, vinculação pré-natal, número de filhos



EFEITO DO NÚMERO DE FILHOS NA SATISFAÇÃO CONJUGAL E NA VINCULAÇÃO PRÉ-NATAL MATERNA E PATERNA.

Abstract

Introduction: The couple's marital satisfaction declines during pregnancy (Belesky, Lang & Rovine, 1985; Parke, 1996), which is closely related to the number of children. It represents an important factor in the prenatal attachment of each parent to the fetus (White, Wilson, Ellander, Persson & 1999).

Method: The aims of this study are to compare the marital satisfaction and maternal/paternal prenatal attachment during pregnancy according to the number of children. The sample included 407 women and their partners / husbands. The subjects were asked to answer a socio-demographic questionnaire, the MPAAS (Condon, 1993; adaptation by Camarneiro & Justo, 2010) and the EASAVIC (Narciso & Ribeiro, 2009). A descriptive and correlational cross-sectional study was conducted with application of both univariate and multivariate analyzes, controlling for age and education.

Results: Marital satisfaction is significantly higher in both men and women who do not have children. Maternal attachment to the fetus, both total and in the dimensions, and the quality of the paternal attachment are not influenced by the number of children. The total paternal prenatal attachment and the intensity of paternal preoccupation are significantly higher in men who do not have children.

Discussion/Conclusion: The marital satisfaction of both men and women is higher during the first pregnancy. Maternal prenatal attachment (both total and in the dimensions) is not influenced by parity. In first-time fathers, the total prenatal attachment to the fetus and the intensity of preoccupation is higher. However, the quality of attachment is not affected by the number of children.

Keywords: marital satisfaction, prenatal attachment, number of children.

INTRODUÇÃO

A satisfação conjugal dos homens e das mulheres declina durante a gravidez (Belesky, Lang & Rovine, 1985; Parke, 1996), estando em estreita relação com o número de filhos e constituindo um fator importante na vinculação pré-natal dos pais ao feto. Por exemplo White, Wilson, Ellander, e Persson (1999) mostraram que as mães que esperavam o segundo filho tinham mais conflitos na família do que aquelas que esperavam o primeiro e que, depois de o segundo filho nascer, as famílias se moviam no sentido da desorganização familiar, o que colocaria em risco a vinculação pré-natal ao próximo bebê.

Belsky, Lang e Rovine (1985) sugeriram a existência de um declínio na satisfação conjugal durante o período pré-natal tanto nos homens como nas mulheres. Nos homens esse decréscimo é modesto desde o início da gravidez da sua mulher até aos seis meses pós-parto e torna-se acentuado entre os seis e os dezoito meses pós-natais (Cowan & Cowan, 1995). Nas mulheres, o declínio com a satisfação conjugal é linear e muito maior, continuando ao longo dos primeiros dois anos (Parke, 1996). Durante a gravidez as mulheres estão, em média, mais satisfeitas com a conjugalidade do que os seus maridos/companheiros mas as diferenças não são globalmente significativas (Camarneiro & Justo, 2012).

A preocupação com a conjugalidade durante a gravidez prende-se com a influência que esta pode ter nas vinculações futuras da criança. Isabella e Belsky (1985) referiram que a satisfação conjugal positiva durante a gravidez do primeiro filho predispõe ao nascimento de bebés que terão padrões de vinculação seguros no fim do primeiro ano de idade e que as mães de crianças com vinculação insegura, um ano após o parto, sentem um decréscimo nos aspectos positivos do casamento e um aumento dos seus aspectos negativos, em comparação com as mães de bebés que estabelecem vinculações seguras. Em relação aos homens, os autores não encontraram relações significativas entre as mudanças conjugais e a vinculação dos filhos.



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

Os estudos que vêm relacionando a vinculação ao feto com a paridade, ou com o número de filhos, indicam que as primíparas estão mais vinculadas ao feto do que as múltiparas (e.g., Mendes, 2002; Muller, 1993; Siddiqui, Hagglof, & Eisemann, 1999, 2000), assim como os homens que vão ser pais pela primeira vez têm níveis mais elevados na vinculação global paterna ao feto em comparação com os que já têm filhos (e.g., Condon & Esuvaranathan, 1990; Lorensen, Wilson, & White, 2004).

Estes autores consideram que os responsáveis pelo aumento desta vinculação dos progenitores ao feto são a excitação, o orgulho e o efeito novidade (Lorensen et al., 2004) e atribuíram a baixa vinculação pré-natal encontrada nos homens que já têm filhos ao decréscimo da qualidade de “excepcionalidade” que representa o nascimento de um filho em pessoas que já tiveram essa experiência (Condon & Esuvaranathan, 1990).

Alguns estudos recentes apontam no sentido da não existência de diferenças entre o número de filhos e a vinculação pré-natal materna e paterna (Vedova, Dabrassi, & Imbasciati, 2008; White, McGorry, Scott-Heyes, Dempster, & Manderson, 2008). Contudo, é comum a ideia que uma das maiores transições durante a vida adulta do homem é tornar-se pai (Parke, 1996) e da mulher é tornar-se mãe. Esta é uma situação nova e obriga a uma adaptação complexa e à realização de uma variedade específica de tarefas desenvolvimentais, principalmente quando se trata de uma primeira vez (Belsky & Rovine, 1990). Fish e Stifter (1993) afirmaram que mães com mais experiência no cuidar se sentem mais eficazes na sua parentalidade e, segundo Moore, Cohn, e Campbell (1997), mostram sinais mais positivos e de maior sensibilidade para com os seus filhos no período pós-natal, o que é indicador dos seus percursos de vida.

Em estudos anteriores analisámos a correlação entre a vinculação pré-natal e a satisfação com a vida conjugal tanto nos homens como nas mulheres, independentemente do número de filhos, e essa correlação mostrou-se significativa em ambos os grupos ($p < .001$). Também analisámos a correlação entre a vinculação pré-natal materna e a vinculação pré-natal paterna que se mostrou moderada e positiva (Camarneiro & Justo, 2009). O mesmo se verificou na análise da correlação entre a satisfação com a vida conjugal materna e paterna, que é forte e positiva. Assim, neste estudo foi nosso objectivo comparar a satisfação conjugal e a vinculação pré-natal nas mulheres, por um lado e nos homens, por outro lado, conforme esperam o primeiro filho ou já têm pelo menos um filho.

Método

Durante o segundo trimestre de gravidez, o grupo das mulheres e o grupo dos homens dos 407 casais em estudo responderam a um questionário sócio-demográfico e clínico, à escala de vinculação pré-natal materna e paterna (EVPNMP, adaptação de Camarneiro & Justo, 2010 da escala MPAAS de Condon, 1993) e à escala de satisfação com a vida conjugal (EASAVIC, de Narciso & Ribeiro, 2009). Trata-se de um estudo comparativo, do tipo transversal descritivo-correlacional. A análise estatística de dados foi efectuada através do software informático PASW Statistics, versão 18. Considerámos o nível de significância $\alpha = .05$.

Para comparação dos grupos de acordo com o número de filhos fizemos duas testagens, uma para o efeito do número de gestações (primigestas e multigestas) nas variáveis psicológicas das mulheres, e outra para o efeito do número de filhos (sem filhos ou com pelo menos um filho) nas variáveis psicológicas dos homens. A opção pelo número de filhos, no homem e pelo número de gestações na mulher pretende minimizar enviesamentos possíveis decorrentes do significado de eventuais interrupções de gravidez nas mulheres questionadas.

Os sujeitos em estudo são casados (74.7%) ou vivem em união de facto (25.3%). As mulheres têm 29.62 anos em média e os homens 31.77 anos; mais de 90% são de nacionalidade portuque-



EFEITO DO NÚMERO DE FILHOS NA SATISFAÇÃO CONJUGAL E NA VINCULAÇÃO PRÉ-NATAL MATERNA E PATERNA.

sa. A escolaridade da maior parte das mulheres situa-se na categoria 2 de Graffar (32.2%) e a dos homens na categoria 3 (35.1%). A profissão mais frequentemente exercida por ambos pertence à categoria 3 (33.9% das mulheres e 66.8% dos homens. A gravidez destas mulheres é de baixo risco e decorre no segundo trimestre. A maior parte não teve dificuldade em engravidar (80.3%) e, em 76% dos casos, homens e mulheres planearam a gravidez. Trata-se da gravidez do primeiro filho em 51.8% dos casos.

RESULTADOS

Cada um dos grupos de mulheres e de homens foi dividido em dois de acordo com o número de filhos (sem filhos e com um ou mais filhos). Com o teste *t* de Student verificámos que as mulheres primigestas são mais novas e mais escolarizadas do que as multigestas ($t_{(405)} = -6.82, p = .000$ e $t_{(405)} = 4.55, p = .000$, respectivamente) assim como os homens que ainda não têm filhos são significativamente mais novos, $t(258.84) = -7.26, p = .000$, e mais escolarizados, $t(404) = 3.44, p = .001$, quando comparados com os que já foram pais. Face a este resultado, aplicámos a MANCOVA para proceder à comparação de médias, com controlo da idade e da escolaridade

Na mulher, os valores médios descritivos na satisfação com a vida conjugal (total e nas suas dimensões funcionamento conjugal e amor, assim como as zonas focadas no casal, no outro e no próprio) apresentam-se superiores nas primigestas, o que mostra que a satisfação conjugal decresce, em todos estes aspectos, quando esta já não é a primeira gravidez (cf. Quadro 1).

Quadro 1. Estatísticas descritivas da EASAVIC total e suas dimensões em primigestas e multigestas

Dimensões	Func. Conjugal		Amor		Casal		Outro		Próprio		Total	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Primigesta (n = 211)	83.15	14.52	134.78	15.43	74.19	12.68	71.47	8.79	67.33	7.57	217.93	28.44
Multigesta (n = 196)	76.81	15.73	127.76	20.72	68.87	13.64	67.53	11.40	63.62	10.09	204.57	34.71

Na comparação destes dois grupos verificamos que as diferenças são significativas para o conjunto das variáveis da satisfação conjugal total, dimensões e zonas ($F = 2.80, p = .017$) sendo que os níveis mais elevados de satisfação se encontram nas primigestas. A idade não tem, no conjunto das variáveis, efeito significativo mas sim a escolaridade ($F = 2.57, p = .026$), conforme se pode observar no Quadro 2.

Quadro 2. Teste de MANCOVA para o efeito do número de gestações e das covariáveis na EASAVIC nas mulheres

Efeito	F	p
Nº de gestações	2.80	.017
Idade	1.08	.371
Escolaridade	2.57	.026

Teste de Levene com $p > .05$; teste de Box $< .05$

A análise da ANCOVA pôs em evidência as diferenças entre primigestas e multigestas em todas as dimensões (funcionamento conjugal e amor) e zonas centradas no casal, no outro e no próprio e ainda na satisfação conjugal total. As diferenças entre os grupos são significativas ($p < .01$) e o



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

poder do teste é muito elevado tanto nas dimensões como nas zonas ($P > .89$). A dimensão funcionamento conjugal é influenciada pela escolaridade.

Nos homens, a satisfação com a vida conjugal nas dimensões de funcionamento conjugal e amor e no total, assim como as zonas centradas no casal, no outro e no próprio são, em média, superiores naqueles que vão ter o primeiro filho (Quadro 3).

Quadro 3. Estatísticas descritivas da EASAVIC total e suas dimensões em homens sem filhos ($n = 260$) e em homens com filho(s) ($n = 146$)

Dimensões Nº filhos	FC		A		C		O		P		EASAVIC T	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
s/ filhos	80.65	13.64	132.92	16.58	71.97	11.85	67.09	12.22	71.34	8.68	213.57	28.24
c/filho(s)	74.80	14.47	126.14	20.03	67.09	12.22	70.27	9.18	67.74	10.16	200.93	32.33

Através da MANCOVA verificou-se que o efeito do número de filhos na satisfação conjugal total, dimensões e zonas no seu conjunto, controlando a idade e a escolaridade, é significativo ($F = 2.46$, $p = .045$), assim como o é a escolaridade ($F = 3.18$, $p = .014$). Não é significativo o efeito da idade no conjunto das variáveis da satisfação com a vida conjugal (Quadro 4).

Quadro 4. Teste de MANCOVA para o efeito do número de filhos e covariáveis na EASAVIC nos homens

Efeito	F	p
Nº de filhos	2.46	.045
Idade	0.44	.782
Escolaridade	3.18	.014

Teste de Levene $> .05$ em FC, Casal e total

Teste de Box $< .05$

Quando se analisou cada dimensão com o teste ANCOVA, verificou-se que o número de filhos tem efeito significativo na satisfação conjugal global, em cada dimensão e em cada zona, com diferenças estatisticamente significativas, o que mostra que a satisfação conjugal decresce, em todos estes aspectos, quando esta já não é a primeira experiência de paternidade. Essas diferenças não são influenciadas pela idade mas todas elas sofrem o efeito da escolaridade ($p < .05$). Os resultados, para além de serem significativos ($.008 > p < .01$), mostram um elevado poder do teste ($0.73 > P < 0.86$) o que nos dá garantias dos mesmos e da sua possível generalização.

Encontramos resultados idênticos nas mulheres e nos homens consoante o número de filhos, indicando que a satisfação conjugal é superior na primeira gravidez.

A análise dos resultados relativos à vinculação pré-natal materna total (EVPNM) e às dimensões QVM (qualidade da vinculação materna) e IPM (intensidade da preocupação materna) apresentam níveis superiores nas primigestas mostrando uma vinculação mais favorável nas mulheres que se encontram grávidas pela primeira vez, de acordo com os resultados que se podem observar no Quadro 5.



EFEITO DO NÚMERO DE FILHOS NA SATISFAÇÃO CONJUGAL E NA VINCULAÇÃO PRÉ-NATAL MATERNA E PATERNA.

Quadro 5. Estatísticas descritivas (em valor percentual) da EVPNM total e suas dimensões QVM e IPM em primigestas e multigestas

GESTA	QVM		IPM		EVPNM TOTAL	
	M	DP	M	DP	M	DP
Primigesta (n = 211)	91.87	8.38	70.60	14.05	81.94	9.78
Multigesta (n = 196)	89.86	8.83	66.80	14.09	79.10	9.82

Conforme se pode observar no Quadro 6, o número de gestações tem efeito marginalmente significativo no conjunto das avaliações da vinculação pré-natal materna ($F = 2.65, p = .072$), com a idade e a escolaridade a influenciarem o conjunto das variáveis (respectivamente $F = 3.82, p = .023$ e $F = 6.18, p = .002$). Em rigor, não se aceitam as diferenças entre os grupos para o conjunto da vinculação pré-natal materna e suas dimensões considerando-se, portanto, que primigestas e multigestas se vinculam ao feto de forma semelhante.

Quadro 6. Teste de MANCOVA para o efeito do número de gestações e das covariáveis na EVPNM

Efeito	F	p
Nº de gestações	2.65	.072
Idade	3.82	.023
Escolaridade	6.18	.002

Teste de Box > .05; teste de Levene > .05

Porém, analisando cada variável *de per si* através da ANCOVA, podemos afirmar que a intensidade da preocupação e a vinculação pré-natal global são significativamente superiores nas primigestas em relação às multigestas mas que a qualidade da vinculação materna é semelhante nos dois grupos de grávidas ($p < .001$).

Nos homens, a vinculação pré-natal paterna total (EVPNP) e as dimensões qualidade da vinculação paterna (QVP) e intensidade da preocupação paterna (IPP) apresentam níveis superiores, em média, nos homens que esperam o primeiro filho em comparação com aqueles que já têm filho(s), como se pode observar no Quadro 7.

Quadro 7. Estatísticas descritivas da EVPNP total e suas dimensões em homens com (n = 260) e sem filhos (n = 146)

Nº de filhos	QVP		IPP		EVPNP TOTAL	
	M	DP	M	DP	M	DP
S / filhos	85.05	10.79	59.29	16.61	74.75	11.62
C/ filho(s)	84.84	11.58	50.90	18.71	71.26	12.59



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

O teste MANCOVA, como se apresenta no Quadro 8, mostra que o número de filhos tem efeito significativo no conjunto das variáveis da vinculação pré-natal paterna ($F = 14.14, p = .000$). A idade não exerce efeito sobre os estes níveis de vinculação mas a escolaridade tem efeito significativo nas variáveis em análise ($F = 3.47, p = .032$).

A vinculação do pai ao feto é, portanto, diferente entre os homens que não têm filhos e os que já são pais. Estas diferenças, obtidas pelo conjunto das variáveis, são influenciadas pela escolaridade e não pela idade.

Quadro 8. Teste de MANCOVA para o efeito do número de filhos e covariáveis nas dimensões da EVPNP

Efeito	F	p
Nº de filhos	14.14	.000
Idade	1.04	.356
Escolaridade	3.47	.032

Teste de Box < .05;

Teste de Levene > .05 em todas as dimensões

Analisando essas diferenças, verificamos que a intensidade da preocupação paterna (IPP) e a vinculação pré-natal (VPNP) total são mais elevadas nos homens que aguardam o primeiro filho. Relativamente à VPNP total não podemos garantir a generalização do resultado dado o baixo poder do teste. A qualidade da vinculação paterna (QVP) não é influenciada pela experiência de paternidade, resultado semelhante ao encontrado nas mulheres. A idade e da escolaridade não têm efeito nestas variáveis conforme se pode observar no Quadro 9, abaixo apresentado.

Quadro 9. Teste de ANCOVA para o efeito do número de filhos nas subescalas e no total da EVPNP

Fonte de variação	VD	Soma dos quadrados Tipo III	GL	Média dos quadrados	F	p	$\eta^2 p$	P
Nº de filhos	QVP	27.31	1	27.31	0.22	.637		
	IPP	5187.04	1	5187.04	17.23	.000	0.04	0.99
	VPNP-total	659.09	1	659.09	4.60	.033	0.01	0.57
Escolaridade	QVP	106.69	1	106.69	0.87	.351		
	IPP	708.46	1	708.46	2.35	.126		
	VPNP-total	19.80	1	19.80	0.14	.710		
Idade	QVP	244.49	1	244.49	2.00	.159		
	IPP	313.62	1	313.62	1.04	.308		
	VPNP-total	271.11	1	271.11	1.89	.170		

DISCUSSÃO

A satisfação conjugal em geral e nas suas dimensões funcionamento conjugal e amor e nas zonas focadas no casal, no próprio e no outro decresce depois de os filhos nascerem, quer nas mulheres quer nos homens. Estes resultados são apoiados por vários estudos. Por exemplo, White et



EFEITO DO NÚMERO DE FILHOS NA SATISFAÇÃO CONJUGAL E NA VINCULAÇÃO PRÉ-NATAL MATERNA E PATERNA.

al. (1999) mostraram o aumento da conflitualidade nas famílias que esperam o segundo filho. Cowan e Cowan (1995) e Parke (1996) mostraram um decréscimo modesto na satisfação conjugal nos homens e um declínio linear e muito maior nas mulheres.

A vinda de outros filhos para além do primeiro faz da parentalidade um processo mais complexo e, muitas vezes, mais desorganizador, situação que tem efeitos pessoais, conjugais e familiares (Relvas & Lourenço, 2001). Segundo Isabella e Belsky (1985), a entrada de um filho, ou mais, no casamento muda a natureza dos vínculos e estas mudanças são, habitualmente, desafios desenvolvimentais para ambos os membros do casal.

Conjugalidade e parentalidade são processos intimamente ligados e os estados emocionais durante a gravidez são factores a ter em conta em estudos posteriores. Um estudo de Larsson et al. (2004) mostrou que as múltiparas tinham mais sintomas depressivos no período pré-natal do que as primíparas e, em relação aos homens, um estudo Israelita de Teichman e Lahav (1987) referenciado por Condon e Esuvaranathan (1990) mostrou que os futuros pais pela primeira vez têm menos ansiedade do que aqueles que vão ser pais pela segunda ou mais vezes, mas a diferença não é estatisticamente significativa.

Um resultado muito interessante, do nosso ponto de vista, é o facto de as mulheres, no conjunto das variáveis da vinculação pré-natal (global, qualidade da vinculação materna e intensidade da preocupação materna) não diferirem estatisticamente quer estejam grávidas pela primeira vez ou já tenham filhos. Apesar de, em média, a vinculação ser mais elevada nas primigestas e a significância estatística ser marginal, em rigor não se aceitam as diferenças entre os grupos considerando-se, portanto, que primigestas e multigestas se vinculam ao feto de forma semelhante. Porém, analisando cada variável *de per si*, podemos afirmar que a intensidade da preocupação e a vinculação pré-natal global são significativamente superiores nas primigestas em relação às multigestas, mas a qualidade da vinculação materna é semelhante nos dois grupos de grávidas, funcionando como área de protecção dos segundos bebés. Estes resultados são corroborados por Condon e Corkindale (1997), num estudo realizado com a mesma escala de avaliação, em que mostram uma relação negativa entre o número de filhos e a vinculação pré-natal global e a intensidade da vinculação, mas não entre o número de filhos e a qualidade da vinculação.

Nos homens, o número de filhos tem efeito significativo no conjunto da vinculação pré-natal paterna total e suas dimensões. Os que aguardam o primeiro filho têm níveis médios de vinculação mais elevados em comparação com os que já são pais. Contudo, quando fazemos uma análise univariada, a qualidade da vinculação paterna é semelhante nos dois grupos, tal como se verificou nas mulheres, diferindo na intensidade da preocupação. Na vinculação pré-natal paterna total devemos circunscrever o resultado a esta amostra, dado o baixo poder do teste obtido ($P = 0.57$), não considerando, em rigor, as diferenças obtidas.

Os resultados paternos obtidos neste estudo são corroborados por Condon e Esuvaranathan (1990) no que se refere à vinculação pré-natal total. Lorensen et al. (2004), Muller (1993), Mercer, Ferketich, May, DeJoseph, e Sollid (1988), etc., afirmam que a vinculação pré-natal é muito mais elevada na primeira do que na segunda gravidez, tanto nas mães como nos pais, sendo parcialmente concordante com os nossos resultados. Tsartsara e Johnson (2006) apresentaram resultados convergentes com aqueles que obtivemos com a ANCOVA, ao mostrarem que as primíparas estão mais vinculadas ao feto do que as múltiparas na vinculação total e na intensidade da preocupação, mas não na qualidade da vinculação ao feto. A qualidade da vinculação ao feto é uma variável muito importante e protectora da relação estabelecida durante a gravidez.



INFANCIA Y ADOLESCENCIA EN UN MUNDO EN CRISIS Y CAMBIO

CONCLUSÕES

A satisfação conjugal de homens e mulheres é superior na primeira gravidez. A qualidade da vinculação materna e paterna não é diferente conforme o número de filhos.

Neste estudo, a vinculação pré-natal total e a dimensão intensidade da preocupação paternas são significativamente mais elevadas nos homens que não têm filhos. Nas mulheres estas variáveis são influenciadas pela paridade, no mesmo sentido, se analisadas individualmente.

Estes resultados mostram a necessidade de continuar a estudar as variáveis psicológicas dos pais conforme o número de filhos, pois o decréscimo da satisfação conjugal por um lado, e da vinculação ao feto, total e em intensidade da preocupação, por outro lado, podem, de facto, comprometer o estabelecimento de vinculações futuras. A qualidade da vinculação ao feto parece ser uma variável psicológica muito robusta na vivência da gravidez pelas mulheres e pelos homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Belsky, J., Lang, M. E., & Rovine, M. (1985). Stability and change in marriage across the transition to parenthood: a second study. *Journal of Marriage and Family*, 47, 855-865.
- Belsky, J. & Rovine, M. (1990). Patterns of marital changes across the transition to parenthood: pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and Family*, 52, 5-19.
- Camarneiro, A. P. & Justo, J. (2010). Padrões de vinculação pré-natal. Contributos para a adaptação da Maternal and Paternal Antenatal Attachment Scale em casais durante o segundo trimestre de gestação na região Centro de Portugal. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 28, 7-22.
- Camarneiro, A. & Justo J. (2012). Os casais durante a gravidez: diferenças psicológicas dentro do par conjugal. In J. L. Pais-Ribeiro, I. Leal, A. Pereira, A. Torres, I. Direito & P. Vagos (Orgs.). *Actas do 9º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Universidade de Aveiro.
- Camarneiro, A. P. & Justo, J. (2009). Vinculação materna e paterna pré-natal (relação entre a qualidade da vinculação e a intensidade da preocupação com o feto). *Actas do 1º Congresso Saúde e Comportamento*. Universidade do Minho: Braga.
- Condon, J. T., & Corkindale, C. (1997). The correlates of antenatal attachment in pregnant women. *British Journal of Medical psychology*, 70, 359-372.
- Condon, J. T., & Esuvaranathan, V. (1990). The influence of parity on the experience of pregnancy: a comparison of first-and second-time expectant couples. *British Journal of Medical Psychology*, 63, 369-377.
- Condon, J. T. (1993). The assessment of antenatal emotional attachment: development of a questionnaire instrument. *British Journal of Medical Psychology*, 66, 167-183.
- Cowan, C., & Cowan, P. (1995). Interventions to ease the transition to parenthood: why they are needed and what they can do. *Family Relations*, 44, 412-423.
- Fish, M., & Stifter, C. A. (1993). Mother parity as a main and moderating influence on early mother-infant interaction. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 14, 557-572.
- Isabella, R. A. & Belsky, J. (1985). Marital change during the transition to parenthood and security of infant-parent attachment. *Journal of Family*, 6 (4), 505-522.
- Lorensen, M., Wilson, M. E., & White, M. A. (2004). Norwegian families: transition to parenthood. *Health Care for Women International*, 25, 334-348.
- Mendes, I. (2002). *Ligação materno-fetal*. Coimbra: Quarteto.
- Mercer, R. T., Ferketich, S. L., May, K., DeJoseph, J., & Sollid, D. (1988). Further exploration of maternal and paternal fetal attachment. *Research in Nursing and Health*, April, 11(2), 83-95.



EFEITO DO NÚMERO DE FILHOS NA SATISFAÇÃO CONJUGAL E NA VINCULAÇÃO PRÉ-NATAL MATERNA E PATERNA.

- Moore, G. A., Cohn, J. F., & Campbell, S. B. (1997). Mothers' affective behavior with infant siblings: stability and change. *Developmental Psychology*, 33, 856-860.
- Muller, M. E. (1993). Development of the prenatal attachment inventory. *Western Journal of Nursing Research*, 15 (2), 199-215.
- Narciso, I. & Ribeiro, M.T. (2009). *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge: Harvard University Press.
- Relvas, A. P. & Lourenço, M. C. (2001). Uma abordagem familiar da gravidez e da maternidade. Perspectiva sistémica. In M. C. Canavarro (Coord.). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*, Coimbra: Quarteto, 105-132.
- Siddiqui, A., Hagglof, B., & Eisemann M. (1999). An exploration of prenatal attachment in Swedish expectant mothers. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 17 (4), 369-380.
- Siddiqui, A., Eisemann, M., & Hagglof, B. (2000). The Stability of Maternal Interpretation of Infant's Facial Expressions During Pre and Postnatal Period and Its Relation to Prenatal Attachment. *Early Child Development and Care*, 162, 41-51.
- Tsartsara, E., & Johnson, M. (2006). The impact of miscarriage on women's pregnancy-specific anxiety and feelings of prenatal maternal-fetal attachment during the course of a subsequent pregnancy: An exploratory follow-up study. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 27(3), Sept., 173-182.
- Vedova, A. M. D., Dabrassi, F., & Imbasciati, A. (2008). Assessing prenatal attachment in a sample of Italian women. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26 (2), May, 86-98.
- White, O., McCorry, N. K., Scott-Heyes, G., Dempster, M., & Manderson, J. (2008). Maternal appraisals of risk, coping and prenatal attachment among women hospitalised with pregnancy complications. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 26 (2) May, 74-85.
- White, M. A., Wilson, M. E., Ellander, G., & Persson, B. (1999). The Swedish family: transition to parenthood. *Scandinavian Journal of Caring Science*, 13, 171-176.